

A empresa-sombra de Wall Street

A empresa e sua alma

Uma empresa não nasce do capital.

Nasce de uma intenção.

Alguém decide que uma coisa deve existir, e essa vontade é o primeiro acionista de verdade, antes que alguém conte o dinheiro.

Essa coisa, quando toma forma, sempre se chama produto — mesmo quando se chama serviço.

Tudo o que vem depois — estruturas, hierarquias, balanços, marcas — é andaime.

O andaime não é a casa. A casa é o propósito.

E o propósito não se administra sozinho. Só sobrevive enquanto alguém continua a carregá-lo, continua a lembrar por que a primeira decisão foi tomada.

No momento em que essa vontade desaparece, a empresa continua andando, mas já não sabe para onde; continua produzindo, mas já não sabe para quem. Torna-se eficiente sem estar viva.

Essa é a crise silenciosa de muitas organizações: não a falta de recursos, mas a falta de memória.

O produto deixa de ser a resposta a uma necessidade e passa a ser a justificativa de uma estrutura que precisa simplesmente continuar vendendo para continuar existindo.

Isto foi escrito para quem possui uma parte de alguma coisa sem jamais ver a sua substância inteira — acionistas, grandes e pequenos, que recebem um número e raramente a história que está por trás dele.

O pequeno acionista é a injustiça mais silenciosa de todo o sistema.

Ele divide o risco inteiro do negócio — perde tudo se as coisas derem errado — sem que jamais lhe concedam uma parte real do poder de decidir.

Divide a aposta, não a mão que joga as cartas. Dono no papel. Espectador na substância.

Nada disso é uma acusação ao capitalismo, à empresa, ao lucro em si. É um chamado à memória.

São ferramentas, poderosíssimas, capazes de gerar valor real quando permanecem fiéis à sua origem — e capazes de se esvaziar de sentido quando a esquecem.

Nenhuma reforma legislativa, nenhum novo indicador de balanço, nenhuma nova certificação ética jamais substituirá a única proteção verdadeira: alguém, em cada estrutura, que continue perguntando por quê.

A participação que um acionista detém é uma parte de uma intenção humana que alguém, muito tempo atrás, quis o bastante para fazer existir — por trás de cada dividendo há um produto pensado para alguém, um funcionário que o fez com cuidado, um cliente que escolheu confiar nele.

Esta coisa ainda existe pela razão pela qual nasceu, ou eu estou apenas servindo, sem saber, à sua sombra?

Ferdinando Frega

BLADEFREGA

A Saga Wall Street